

HISTÓRIA, LITERATURA E CULTURA

*Francisco de Assis Ferreira MELO**

Resumo: Esta pesquisa centra-se na análise das relações que envolvem história e literatura e para tanto, procuraremos mostrar como acontece esse contato apontando elementos que ajudam determinar o momento em que esses dois pontos se encontram. A partir de análises desenvolvidas por pesquisadores como Gaston Bachelard, Peter Burke, Terry Eagleton, Roland Barthes, através das teorias propostas por eles, procuraremos localizar pontos de contato entre história e literatura e assim poder encontrar esses elementos que ajudam a criar uma espécie de dependência entre ambas além de funcionar como elemento capaz de registrar os fatos e costumes de tempos específicos do cotidiano do homem. Diante da possibilidade aberta pelas relações estabelecidas entre essas duas ciências veremos como esse envolvimento de áreas tão distintas ao fazerem seus registros acabam por mostrar outras maneiras de se enxergar tanto história quanto literatura. Nota-se a necessidade de localizar o objeto de pesquisa em um período, separando o lugar onde se encontra e dessa forma os recortes feitos pela literatura mesmo sob a forma de ficção, consegue representar um momento histórico e mostrar como a união de formas de escrita tão distintas podem resgatar épocas, costumes e história de maneira tal que, aos olhos e imaginação do leitor esses tempos distantes estão próximos, pre-

Abstract: This research is centered in the analysis of the relations that involve history and literature and for in such a way, will look for to show as this contact happens pointing elements that help to determine the moment in that these colon if they find. From analyses developed for researchers as Gaston Bachelard, Peter Burke, Terry Eagleton, Roland Barthes, through the theories proposals for them, we will look for to locate points of contact between history and literature and thus to be able to find these elements that help to create a species of dependence enters both beyond functioning as element capable to register the facts and customs of specific times of the daily one of the man. Ahead of the possibility opened for the relations established between these two sciences we will see as this involvement of so distinct areas when making its registers finish for showing other ways of if see as much history how much literature. It is noticed necessity to locate the object of research in a period, being separated the place where if it finds and of this form clippings made for same literature under the fiction form, it obtains to represent a historical moment and to show as the union of so distinct forms of writing can rescue times, customs and history in way such that, to the eyes and imagination reading it these distant times are next, gifts and ex-

* É mestrando em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduado e pós-graduado (Especialização) em Letras pela Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. E-mail: fafassis@yahoo.com.br

sentas e exercendo influência no agora. Assim, nos vemos diante de novas possibilidades para enxergarmos como esses envolvimento entre campos tão distintos acabam por determinar novas áreas férteis para o desenvolvimento de pesquisas sejam históricas ou literárias, pois o texto não cessa de acontecer e novos fatos de peso históricos vem servir de elemento de respaldo para os textos literários.

Palavras-chave: História. Literatura. Cultura. Ciência.

erting influence in now. Thus, in we ahead see them of new possibilities to see as these involvements between distinct fields finish for determining new fertile areas for the development of research are historical or literary, therefore the new text to ceases it to happen and to each day historical facts of weight come to serve of element of endorsement for the text literary.

Keywords: History. Literature. Culture. Science.

Introdução

Este estudo pretende abarcar questões que envolvem relações entre história e literatura. Há uma preocupação em reconhecer e encontrar elementos que mostrem como essas duas áreas convivem. Três desses elementos são fundamentais para assegurar o envolvimento entre essas duas ciências humanas; a língua, a escrita de sua história e finalmente, a literatura como meio de criação do fictício para relatar períodos históricos da humanidade. Cabe, portanto, nas páginas seguintes explicar esses elementos.

O primeiro a ser visto será a língua – mais a frente como linguagem - como elemento de origem sonora que permitiu o homem definir/denominar/nomear os mais diversos objetos e seres que se acham a sua volta. Ao fazer isso o homem conseguiu isolar e reconhecer distintamente cada ser vivo e objeto.

O passo seguinte foi reconhecer a importância de transformar esses sons em sinais que pudessem simbolizar/representar o processo da fala. Trata-se da escrita que permitiu, nesse primeiro momento, ao homem, meios para registrar sua história como um documento oficial.

E por último, não menos importante, a capacidade desenvolvida por este homem de abstrair da realidade, elementos de seu cotidiano e direcionando para um espaço eminentemente fictício onde essa mesma realidade não pode exercer qualquer controle. Trata-se da escrita com a função de representar os mais diversos mundos do imaginário humano sob a forma de literatura, um tipo de texto que busca no mundo real elementos que lhe sirvam de suporte para dar credibilidade ao que é criado de forma lúdica.

Ao colocar essas duas áreas dos saberes humanos juntas abre-se espaço para averiguar o que acontece quando ciências tão distintas buscam meios e suportes para suas verdades a partir do que existiu, existe quanto ao que se refere a existência do homem em suas práticas culturais.

1 Uma jornada em curso

1.1 A Língua(gem)

A reflexão filosófica que exerce sobre um pensamento científico longamente trabalhado deve fazer com que a nova idéia se integre em um corpo de idéias já aceitas, ainda que a nova idéia obrigue esse corpo de idéias a um remanejamento profundo, como sucede em todas as revoluções da ciência contemporânea (BACHELARD, 2005, p. 1).

O processo evolutivo da humanidade nunca cessou de acontecer, pensamentos que sempre buscaram meios de melhor compreender o crescimento do homem quanto a sua intelectualidade se fazem presente em sua contínua formação. Novas idéias estão sempre em curso e representam o envolvimento do homem com essa constante busca de ampliar seus horizontes. Bachelard aponta muito bem essa necessidade que o homem tem de encontrar fatos recentes e relacioná-los as idéias antigas, já conhecidas e as novas idéias procurando estabelecer alguma ligação e assim realizar os entrelaçamentos de suas descobertas.

Como mostra Roque de Barros Laraia (2001), o homem para se manter vivo precisa satisfazer uma série de funções vitais desde a alimentação, o sono, respiração ao ato sexual e existir dentro de uma cultura mesmo que essas funções sejam entendidas como comuns a todos os seres humanos. Ao assegurar sua existência, o homem também conseguiu se estruturar socialmente necessitando de mecanismos que o ajudassem a se organizar como um grupo culturalmente dominante, não apenas como mais uma espécie que conseguiu sobreviver às transformações impostas pelo tempo. “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam”. (LARAIA, 2001, p 45) Gerações que conseguiram avançar em termos de conhecimentos e aprendizagem desenvolvendo novas condições físicas e mentais que o ajudaram a se distanciar das outras espécies.

A língua(gem) permitiu/possibilitou/preparou o homem para um novo tempo, pois ela foi um desses elementos modificadores de sua condição como um ser diferenciado capaz de transmitir suas histórias e experiências. Dessa forma, as sociedades ágrafas conseguiram organizar suas memórias assegurando a permanência das mesmas coletivamente. O prestígio das famílias dominantes estava no domínio desses saberes técnicos que para serem transmitidos, necessitavam de formulas práticas para fazê-lo.

1.2 A Escrita

Como bem observou Jacques Le Goff (2005, p. 430) em sua obra **História e Memória**, “a passagem da oralidade à escrita, a memória coletiva e, mais particularmente, a “memória artificial” são profundamente transformadas” e, apesar de complexo, ajudou o homem a organizar as histórias que circulavam informalmente no universo que compreendia a oralidade e, ao mesmo tempo, servindo como referencial para o grupo. Todo conhecimento estava guardado na capacidade de memorizar de algumas poucas pessoas e posteriormente transmiti-los a outros. Como bem observou Maingueneau a respeito da passagem da oralidade para a escrita;

A passagem a uma literatura escrita modifica esse sistema. Cria-se... Uma nova clivagem entre os que sabem ler e os que não sabem O escrito permite a leitura individual e, no outro pólo, liberando a memória, uma criação mais individualizada, menos submetida aos modelos coletivos (MAINGUENEAU, 2001, p. 92).

Até esse momento os modos que vigoravam diziam respeito ao que determinava a oralidade quanto à função de memorização dos conhecimentos. Maingueneau ainda aponta que a importância de se reconhecer as distâncias entre esses pólos; da oralidade que pertence a coletividade; e a memória que procura individualizar o processo de aquisição do conhecimento. Dessa forma, a escrita torna-se mais um elemento importante na constituição e formação do arquivo de histórias da sociedade.

Esse processo de registrar suas experiências assumiu uma função documental importante relatando a formação da cultura de sua época e segundo Jacques Le Goff (2005), a interferência dessa forma de registrar os fatos tem suas influências sobre as sociedades, e isso, deve ser considerada, pois;

O aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva. Desde o “Paleolítico Médio”, aparecem figuras nas quais se propôs ver “mitogramas”, paralelo à “mitologia”, que se desenvolve na ordem verbal. A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso,... (p.427)

Progresso este que ajudou modificar toda a estrutura da sociedade, definindo novas formas de se organizar o conhecimento e quanto à humanidade, ela não seria mais a mesma, pois a palavra escrita tem em si, o peso e o poder de interferir e modificar as concepções aprendidas do mundo pelo homem. Já não havia mais apenas um modo de registrar os fatos pela transmissão do conhecimento via oralidade, mas também a escrita.

1.3 A História e a Literatura

O advento da escrita como documento da história do homem possibilitou o desenvolvimento de várias escritas e, conseqüentemente, ajudou a tornar algumas dessas escritas em mecanismos a serviço de estudos científicos.

Essas descobertas também colocaram essas ciências em área de risco. Diz-se área de risco, pois a pratica de usar os meios de uma para complementar a outra se tornou lugar comum como acontece no caso deste estudo com relação a história e literatura. Não se trata de uma tarefa fácil, pois diversos elementos estão implicados.

Por vezes, esta aproximação da história com a literatura tem um sabor de *déjà vu*, dando a impressão de que tudo o que se apregeoa como novo já foi dito e de que se está “reinventando a roda”... A história,..., enriquecia por vezes seu campo de análise com uma dimensão “cultural”, na qual a narrativa literária era ilustrativa de sua época. (PENSAVENTO, 2006, p. 11)

Essa aproximação entre áreas do conhecimento humano tão distintas não poderia se dar de forma pacífica. Cada uma, a sua maneira, desenvolveu métodos que a ajudassem a olhar para sociedade e os fatos relevantes (até mesmo mais singulares) de maneira particularizante. A rigor, os pesquisadores de acordo com o tempo em que vivem levantam questões que dependem de suas realidades e à medida que essas perguntas são apresentadas, diversas possibilidades de respostas são enumeradas.

Ao construir uma representação social da realidade, o imaginário passa a substituí-la, tomando o seu lugar. O mundo passa a ser tal como nós o concebemos, sentimos e avaliamos. (PENSAVENTO, 2006, p. 12)

O desenvolvimento dessas práticas de registrar seus conceitos fez do homem um fiel depositário de informações que circulam no meio social. Os espaços que surgiram com as práticas de contar os principais eventos na oralidade serviram como uma primeira ferramenta enquanto a escrita veio para se tornar um registro mais estável e contínuo.

O processo de documentar as passagens mais importantes de suas épocas permitiu ao homem descobrir outro fato importante, a possibilidade de criar histórias cujas origens não estavam no mundo real, mas em sua mente como uma porta para outro universo recém-descoberto ao qual denominou de literatura.

A literatura tem desempenhado um papel importante como meio de ligação entre tempos diferentes além de registrar as movimentações das populações permitindo que sejam documentadas não de forma direta, mas subjetivamente. Para Raymond Willians (2008, p. 57) a formação das ar-

tes – aqui nos preocupamos com o envolvimento entre literatura e história – pode produzir sistemas de regras rígidas que tendem a se tornar prática obrigatória em períodos de mudanças e crises nas práticas das artes.

Há essa literatura se ligou a história tornando seu material literário objeto de pesquisa para os novos historiadores em busca de referenciais que permitam reconhecer marcas de tempos e comportamentos sociais através de indícios distribuídos nos textos por seus autores.

2 Outras leituras sobre as histórias

Até o século XIX o homem estava preso a uma situação que o impossibilitava de determinar, escolher seus caminhos e reestruturar a própria vida. Mais precisamente, definir o seu destino. A obra que compreendia a sua existência correspondia a uma narrativa cujo texto, o autor se encontrava morto. “Sem dúvida sempre foi assim: desde que um fato é contado para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, isto é, finalmente, fora de qualquer função que não seja o exercício do símbolo, produz-se esse desligamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte...” (BARTHES, 2004, p. 57-75). Esse era o lugar do homem medieval, um autor da própria vida cuja voz estava destituída de uma identidade livre, mas subjugado a vontade de uma força divina, a vontade de Deus.

De fato, o século XIX trouxe essa possibilidade de se reavaliar a condição do homem em seu meio cultural e interpretar as diversas culturas que os cercavam. A verdade é que o homem conseguiu se libertar dessa teia de proibições quando do surgimento de idéias que contrariavam as velhas formas de pensar a cultura e que o mantinham preso a um destino fatalista e desprovido a possibilidade de progresso. Na verdade, um domínio de poucos sobre muitos.

O envolvimento entre história e literatura possibilitou outras leituras dos fatos sociais e históricos, das movimentações populacionais e as mudanças sociais. Desse relacionamento do leitor com o texto literário ocorrem implicações relevantes movimentando o leitor, possibilitando-o ter não apenas uma visão restrita, mas enxergar o mundo de outras formas. “Assim, vê-se a leitura como algo inscrito no texto, como um efeito automaticamente produzido pela própria estratégia da escrita da obra ou do gênero” (CHARTIER, 2006, p. 213). Ler não é somente um ato simples, trata-se de uma prática criativa que permite ao leitor elaborar constantemente novas estratégias de significação de suas descobertas. A leitura é parte de um trabalho árduo que necessita do livro cuja função é a representação de forma concreta da escrita servindo a literatura – “é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor” (CHARTIER, 2006, p. 220) A percepção que o leitor

apreende do livro, em mãos, determina e dá importância ao ato da leitura.

Moacyr Scliar, em sua obra; **O texto, ou: a vida**, afirma que “ontar e ouvir histórias é fundamental para os seres humanos; parte de nosso gnoma, por assim dizer.” É uma forma de assegurar o registro de fatos importantes. “Sob a forma de mitos, as histórias proporcionavam, e proporcionam, explicações para as coisas que parecem, ou podem parecer, misteriosas”. O desconhecido escondido por traz das palavras é o mistério a espera de soluções que somente o leitor pode encontrar através de formulações de questões.

A presença desses mitos favorece a presentificação da literatura na mente do homem, ajudada pelas narrativas que encontram seus correspondentes nos bardos gregos e romanos até os *fabliaux* franceses, nos contornos modernos ainda de acordo com as afirmações de Scliar. De fato, não se concebe qualquer narrativa sem levar em conta que ela teve as suas bases de formação, além de poder explicar como esses mitos aparecem em outras línguas acordando com suas mitologias e teogonias, como o caso dos gregos em que relata Umberto Eco (2002, p. 28) “Os filósofos gregos identificavam na língua grega a língua da razão, e Aristóteles constrói a listagem das suas categorias com base nas categorias gramaticais do grego”.

O desejo de contar as suas histórias, criar seus relatos é algo próprio do ser humano, essa prática resulta em um dado cultural que se revela como sendo “uma questão de seguir regras” (EAGLETON, 2005, p. 13) que ajudam a determinar as características dessa cultura. Para que esse homem possa desenvolver suas habilidades; depende de duas categorias apontadas por Raymond Williams (2008) sendo a primeira, os meios materiais que se acham dependentes diretamente de recursos físicos inatos e institucionais; e a outra categoria depende do processo que possibilite transformar objetos e energias materiais não humanas. De posse do conhecimento que abre essas duas possibilidades, o homem chega a uma conclusão que deseja escrever histórias.

Não se pode escrever historia alguma das artes sem dar plena atenção a essas duas categorias. As artes da poesia falada, do canto e da dança, são exemplos a pintura e a escultura. E o interessante é que, seja qual for a exata prioridade delas (o que talvez jamais seja determinado), cada um desses tipos está na verdade presente desde muito cedo na cultura humana. (WILLIAMS, 2008, p. 88)

Não se trata de etapas que se seguem determinando o continuo crescimento do homem em suas praticas de transformar, elaborar e criar meios diferentes de utilizar o que se acha a sua volta. Tudo, na verdade, já fazia parte de seu procedimento.

O século XX corresponde a um período onde ocorreram processos de transformações que implicaram a palavra *limite* de tal forma que esta teve que representar novos horizontes de expectativas. O conhecimento organizado e acumulado ao longo de séculos assumiram novos contornos envol-

vendo diversos elementos estruturadores da história e da sociedade partindo de um todo para a singularidade. Nesse meio, a palavra desempenhou seu papel de fiel da balança ajudando a determinar novas formas de se observar os movimentos sociais. A cultura já não se mantinha presa aos processos eletistas impostos pelo *Cânone*, mas navegava em ondas diversas desde os saberes mais complexos até as verdades mais simples.

“Não seria normal buscar, por experiências, observações ou cálculos, as leis que poderiam organizar o domínio mais complexo”...? (FOUCAULT, 2007, p. 171). A pergunta estruturada por Foucault chama a atenção para as movimentações culturais, reconhecimento das histórias, pois a experiência tem por característica ser *Una* como parte da formação e equilíbrio de cada indivíduo que, por consequência, se torna esse mosaico que compreende as relações humanas. Entenda por consequência “a grande potência criadora da vida, seu inesgotável poder de transformação, sua plasticidade e esse fluxo no qual ela envolve todas as suas produções, inclusive nós mesmos, num tempo de que ninguém é senhor.” (FOUCAULT, 2007, p. 173).

Cada indivíduo tem participação significativa na conceitualização dos aspectos históricos onde cada vida representa partes da movimentação de uma população. Como em um horizonte de expectativas, cada parte desse mosaico está repleta de dogmas, conflitos e experiências que determinam o movimento do eixo das relações sociais e culturais. Por sua vez, essas relações são recortes de períodos que estão separados representando ações que ajudam nas formações culturais.

Geertz chama a atenção para esse esforço de tentar compreender como certas idéias aparecem, como podem ser aplicadas, usadas e se, por ventura, nada disso puder acontecer, ser capaz de dar um passo a frente. Dar esse passo, por exemplo, pode significar querer entender como a cultura se movimenta e, ao mesmo tempo, preocupar em limitar, especificar, enfocar e conter. O homem está neste jogo que, ainda segundo Geertz, aponta que este “homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo suas teias e a sua análise, uma ciência interpretativa, á procura do significado”. (GEERTZ, 2008, p. 4)

O fio que se encontra no princípio da teia não se desprende do homem, assim como ele não o quer fazer, se libertar. Seu modo de existir exige cada vez mais sua autonomia esperando que seja elemento de extensão de forma individual de cultura. Ainda de acordo com Geertz, esses dados coletados, são as representações da construção que, por sua vez, leva à formação desse indivíduo.

A cultura consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas, nos termos das quais as pessoas fazem certas coisas como sinais de conspiração e se aliam ou percebem os insultos e respondem a eles, não é mais do que dizer que esse é um fenômeno psico-

lógico, uma característica da mente, da personalidade da estrutura cognitiva de alguém, ou o que quer que seja... (GEERTZ, 2008, p. 9)

Cada homem quer contar a sua história. Cada homem quer ser parte dessa história e não apenas a representação de um termo pejorativa “Pano de fundo”. Essa necessidade tem origem mesmo em sua mente como efeito psicológico na afirmação de sua personalidade *Uma*.

É verdade que a História existiu bem antes da constituição das ciências humanas; desde os confins da idade grega, exerceu ela na cultura ocidental um certo número de funções maiores; memória, mito, transmissão da Palavra e do Exemplo, veículo da tradição, consciência crítica do presente, decifração do destino da humanidade, antecipação do futuro ou promessa de um retorno. (FOUCAULT, 2007, p. 508.)

A história deixou de relatar os pequenos feitos de homens comuns e passou a registrar os grandes movimentos provocados por homens em posição de prestígio impondo de fato, as culturas dos maiores sobre os menores. Diante desse fato, o local em que a história e a cultura se estabeleciam muda deixando a periferia das sociedades e passando para os grandes núcleos, nichos de saberes incontestáveis. A verdade se torna *uma* com o desejo de se pluralizar no cerne das massas.

Até o século XIX havia o predomínio da reafirmação dos grandes fatos. Mas a singularizarão do sujeito em sua forma de vida, obriga a pensar de forma mais densa sobre o indivíduo e “qualquer generalidade que consegue alcançar surge da delicadeza de suas distinções, não da amplidão das suas abstrações”. (GEERTZ, 2008, p. 17) O homem quer contar a sua história, quer vê-la circulando nos meios de comunicação ao seu alcance. Pode ser a história de um cego ou de uma doméstica, de um policial ou de um grande empresário, mas a verdade é que a história já não se satisfaz apenas com os grandes eventos, necessita de novos documentos que a tornem particularizante, capaz de reconhecer o intrínseco emaranhado de cordões que compõem o desenho num tapete.

Desde o evento dos estudos culturais nos EUA, por exemplo, que a cultura da chamada não-elite passou a ser vista como movimento importante. As minorias queriam ter voz dentro de suas etnias, os negros, os asiáticos, os hispano-americanos, todos buscando um espaço dentro de uma cultura maior. Queriam o reconhecimento de suas literaturas, de seus modos de vida, de suas histórias. Cada elemento de sua formação representa uma parte de sua cultura. Todos convivendo dentro de seus espaços. Como visto anteriormente, já não é suficiente descrever historicamente os grandes fatos e acontecimentos, pois chegar a eles é a reunião de fatos menores que vão

se implicando para tornarem-se grandes dentro das modalidades de culturas em que se encontra.

Vencer as barreiras impostas pela limitação é o grande objetivo desse novo sujeito em busca da afirmação de uma identidade cultural. O estudo histórico formulado pela elite não permitia outras formas de se conhecer a história e vivenciar a cultura e o sujeito social queria encontrar sua posição. Homi K. Bhabha (2005) aponta esse desejo que resultou num processo de conscientização desse sujeito em raça, gênero, local institucional, localidade geopolítica e orientação sexual, por exemplo, que ajudam no processo de se negociar suas permanências na instituição da cultura desse sujeito.

3 O ocaso de muitas pequenas histórias

A partir do século XIX a Europa é sacudida pelo advento do romantismo. O homem pode, finalmente, iniciar uma nova maneira de olhar para si. Ele estava diante de algo novo, a possibilidade de poder escolher e não ser obrigado a reconhecer apenas a totalidade de um mundo controlado por poucos, mas de poder encontrar com os pequenos detalhes a sua volta.

Essas mudanças, as idealizações de cada mente trabalhando na construção de sua história ajudaram esse homem a reconstruir essa identidade a partir de uma história que resgata sua cultura. Ele conseguiu estabelecer outro tipo de contato com as verdades, ou verdade, que se acham a seu dispor.

Como o autor se individualizou em uma cultura como a nossa, que estatuto lhe foi dado, a partir de que momento, por exemplo, pôs-se a fazer pesquisas de autenticidade e de atribuição, em que sistema de valorização o autor foi escolhido, em que momento começou-se a contar a vida não mais dos heróis, mas dos autores, como se instaurou essa categoria fundamental da crítica “o homem-e-a-obra”,... (FOUCAULT, 2006, p.267)

O homem que conta a sua história, que relata os fatos de uma vida cotidiana, o herói que realiza o algo grandioso já não é o mesmo, apenas um herói do dia-a-dia. Esse novo herói é quixotesco de um lado e Macunaíma de outro, mas moderna para cada momento.

O que seria desse homem em sua jornada se estivesse desprovido desses elementos que o tornam diferente das outras espécies? Se não existissem esses símbolos para iluminar o passo-a-passo de seu mundo? O mundo teria se convertido em caos e suas ações equivaleriam ao comportamento dos animais.

Geertz (2008, p. 33) considera que *a* “cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade”: esta cultura não está estacionada ou reduzida, pois o homem não pára, muito pelo contrário, essa busca constante por;

Símbolos significantes – as palavras, para a maioria, mas também gestos, desenhos, sons musicais, artifícios mecânicos como relógios, ou objetos naturais como jóias – na verdade, qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada para impor um significado à experiência. (GEERTZ, 2008, p. 33)

O homem precisa mesmo de toda essa simbolização ajudando e iluminando seu mundo partindo do mais simples gesto até o elemento mais complexo como os artifícios mecânicos.

O que se espera desse homem é que aprenda e desenvolva uma (ou mais) leitura(s) das culturas que estão a sua volta. Para Stiven Roger Fischer (2005, p. 9), a leitura a princípio, “consistia na mera capacidade de obtenção de informações visuais com base em algum sistema codificado, bem como na compreensão de seu significado”, pois a leitura não é um processo simples.

Na verdade, a leitura é um processo variável que em sua realização e entendimento não é absoluto. Nesse desejo de registrar as suas muitas leituras do mundo é que o homem fez da escrita um elemento de registro importante, maravilhoso e sem igual que interfere de forma natural em sua vida.

Em virtude das ligações que passam a acontecer, os diversos conhecimentos que esse desejo do homem de contar a sua história começa a desenvolver uma relação entre história e a teoria da literatura e isso, segundo Biersack, (apud HUNT, 2006, p. 99). Ao colocar os estudos literários ao lado da história trouxe implicações importantes, pois deu origem ao que se chamou de “novo historicismo” que acaba por alterar a antropologia e a história.

Para Kramer (2006, p. 131) o que possibilitou a renovação intelectual “entre os historiadores modernos foi sua disposição de recorrer a outras disciplinas acadêmicas em busca de insights teóricos e metodológicos, o que levou a uma expansão política da historiografia tradicional”. Assim acontece o contato entre a história que deixa de ser apenas documental e se alia a outras disciplinas para buscar meios de melhor revitalizar essa necessidade de confirmar como os fatos aconteceram a partir de descrições de épocas, citações bem colocadas em obras literárias.

Compreensões Finais

“Ao se escrever história é impossível prescindir de uma narrativa ficcional e filosófica, e não se pode simplesmente sancionar a distinção disciplinar que os historiadores usam para se distinguir dos filósofos e dos autores de obras literária” (KRAMER, 2006, p. 137), pois o conhecimento não cessa de acontecer. Essas novas relações podem até causar certo desconforto aos tradicionalistas que procuram sempre enxergar tudo de forma compartimentada e distribuída em um armário imaginário. Existe mesmo uma re-

lação entre disciplinas e ciências distintas de tal forma que as descobertas de uma ajudam a outra.

Michel De Certeau (2007, p. 31) chama a atenção acerca de qualquer estudo sobre a necessidade de localizar o trabalho em um período, separando um objeto e o lugar onde se encontra. Os recortes feitos pela literatura através da possibilidade de usar a ficção para representar um momento histórico e mostrar como a união de formas de escrita tão distintas podem resgatar épocas, costumes e história de maneira tal que, aos olhos e imaginação do leitor esses tempos distantes estão próximos, presentes e exercendo influência no agora.

De alguma forma a presença de uma narrativa ficcional acaba por se tornar imprescindível porque os fatos estão no passado a espera de um resgate e o “uso de métodos da crítica literária na análise de textos e problemas históricos suscita questões imediatas quanto às formas de crítica literária que podem ser de maior utilidade para o historiador”. (KRAMER, 2006, p. 145). Mesmo que essas práticas de unir disciplinas e ciências distintas continuem acontecendo e coloquem os tradicionalistas em polvorosa, o contato entre elas continua acontecendo, se falando, se comunicando de acordo com os conceitos que as fundamentam.

Mas o conflito que ocorre diante de tal fato também não pode parar, pois existe uma constante recorrência entre ciências de áreas diferentes em busca de respostas para questões que se renovam constantemente. Autores de idéias novas procuram em autores de idéias antigas os meios de confirmar o novo ciclo de conhecimento. A verdade nunca é casual, mas o reflexo de tudo que se acha à disposição daqueles que buscam por respostas.

Peter Burke acredita que “É provável que os historiadores possam aprender algo, a partir das técnicas narrativas de romancistas como Tolstói e Shimazaki” (BURKE, 1992, p. 340) ou ainda com Machado de Assis e Graciliano Ramos. Infelizmente os historiadores não estão livres para criar a sua própria narrativa como fazem os romancistas para inventar, criar seus personagens, dar-lhes pensamentos e questões morais para serem resolvidas e encontrarem seus lugares dentro de suas histórias.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____ **O Rumor da língua**. Trad. Maria Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 57-75.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte:

Editora UFMG, 2005.

BURKE, Peter **A Escrita da História**, novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

BIERSACK, Aletta. Saber local, história local: Geertz e além, In HUNT, Lynn. **A Nova história cultural** Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 97-130.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007.

CHARTIER, Roger. Texto, impressão, leituras. In HUNT, Lynn. **A Nova história Cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 211-238

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

ECO, Umberto. **A busca da língua perfeita**. Tradução de Antonio Angonese. São Paulo; EDUSC, 2002.

FISCHER, Stiven Roger. **A História da leitura**. Tradução Claudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. O que é um Autor? In MOTA, Manoel Barros da. (Org.) **Ditos & Escritos III**. Tradução de Inês Aufran Dourado Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GEEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: GEN/LTC, 2008.

KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: O desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In HUNT, Lynn. **A Nova história cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 131-173.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito de antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. São Paulo: UNICAMP, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. Tradução de Marina Appenseller. São Paulo; Martins Fontes, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História & literatura: uma velha-nova histó-**

ria. In **História & Literatura**, identidade e fronteiras. COSTA, Cléria Botelho da. MACHADO, Maria Clara Tomaz. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 11-27.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo; Paz e Terra, 2008.

_____. **Palavras-chave**. Tradução Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: BOITEMPO, 2007.